POR UM SISTEMA ETNOBOTÂNICO AFRO-BRASILEIRO: SABERES NAGÔ NO MUNDO VEGETAL DO BRASIL

SIRIMARCO, Renata
Pesquisadora do *Laboratório de Botânica Econômica e Etnobotânica (LABOTEE/UFF), Universidade Federal Fluminense*
renata_sirimarco@id.uff.br

BOSCOLO, Odara
Professora Associada da Universidade Federal Fluminense, Laboratório de Botânica Econômica e Etnobotânica (LABOTEE/UFF)
odaraboscolo@id.uff.br

Este estudo parte do reconhecimento de que as identidades afro-brasileiras foram formadas por processos contínuos de reelaboração cultural ao longo do Atlântico Negro, especialmente diante das violências e transformações impostas pela escravização. A circulação forçada de mais de 200 etnias africanas para o Brasil (Moura, 1993) resultou na migração conjunta de memórias, sistemas de conhecimento e repertórios ligados ao mundo vegetal. A natureza, compreendida como entidade dotada de sentido cultural, foi reinterpretada pelos grupos africanos deslocados, que preservaram elementos de suas cosmopercepções por meio da observação, seleção e uso de plantas, integrando-as às práticas alimentares, medicinais e litúrgicas. Apesar da histórica desqualificação das contribuições africanas nos discursos coloniais e pós-coloniais, tais saberes foram fundamentais para o desenvolvimento agrícola na colônia, reforçando a necessidade de reposicionar epistemologicamente as narrativas sobre a presença negra no Brasil.

Com esse horizonte, buscou-se compreender como populações de origem nagô (yorubá) contribuíram para a formação dos conhecimentos etnobotânicos afro-brasileiros, destacando a persistência e atualização de sistemas classificatórios, técnicas agrícolas e usos simbólicos das plantas. O percurso adotado consistiu em levantamento bibliográfico em estudos de etnobotânica, diáspora africana, religiões de matriz africana e antropologia cultural, com foco em obras de referência como Barros (1993, 2011), Carney (2001), Sodré (2017), Camargo (1990, 2006), Querino (1957), Lopes (2011) e Silva (2011). Foram consultadas bases como Scielo e Google Acadêmico, utilizando descritores em português e inglês relacionados à diáspora africana e etnobotânica transatlântica.

A literatura analisada revela que práticas agrícolas africanas – como o domínio do arroz africano, técnicas de coivara, manejo de solos e domesticação de espécies — tiveram papel estratégico nos ciclos econômicos da colônia (Carney, 2001). Povos africanos foram selecionados para regiões específicas do Brasil em razão de seus conhecimentos prévios sobre cultivo de café, algodão e cana, demonstrando que a escravização não buscava apenas força física, mas expertise agrícola (Gomes, 2009). Espécies como inhame, feijão-fradinho, quiabo, guandu, melancia e dendezeiro foram trazidas com propósito alimentício e cosmológico, garantindo a sobrevivência física e cultural nos navios negreiros e posteriormente nas roças, quintais e quilombos (Voeks, 2009). Esses vegetais tornaram-se parte fundamental da cultura alimentar afro-brasileira e integraram-se também a sistemas rituais, sobretudo no candomblé (Quadro 1)

Quadro 1. Plantas africanas trazidas para o Brasil na diáspora negro-africana.

Nome Vulgar	Família Botânica	Nome Científico	Origem
Dendezeiro	Arecaceae	*Elaeis guinneensis* Jacq.	Centro-oeste africano
Melancia	Cucurbitaceae	*Citrullus latanus* (Thunb.) Matsum & Nakai)	África Ocidental
Cabaça	Cucurbitaceae	*Lagenaria siceraria* (Molina) Standl.	África Ocidental
Inhame	Dioscoreaceae	*Dioscorea* spp.	Centro-oeste africano
Mamona	Euphorbiaceae	*Ricinus communis* L.	Leste africao
Feijão guandu	Fabaceae	*Cajanus cajan* (L.) Millsp	Centro-oeste africano

Tamarindo	Fabaceae	*Tamarindus indica* L.	Centro-oeste africano
Feijão fradinho	Fabaceae	*Vigna unguiculata* (L.) Walp.	Centro-oeste africano
Quiabo	Malvaceae	*Abelmoschus esculentus* (L.) Moench	África Ocidental
Algodão	Malvaceae	*Gossypium* spp.	Centro-oeste africano
Arroz africano	Poaceae	*Oryza glaberrima* Steud.	África Ocidental
Café	Rubiaceae	*Coffee arabica* L.	Leste africano
Carité	Sapotaceae	*Vitellaria paradoxa* C.F.Gaertn	África Ocidental

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

No contexto litúrgico, medicinal e alimentício, o mundo vegetal foi reinterpretado segundo categorias yorubanas que articulam elementos da natureza, características sensoriais e vínculos com os Orixás (Barros, 2011). Plantas nativas brasileiras, como taioba, caapeba, língua-de-vaca, bredo e saião, foram incorporadas por analogias de forma, odor, textura ou função simbólica. Esse processo, descrito como africanização das plantas brasileiras, demonstra que as populações africanas transplantaram um arcabouço classificatório prévio e o adaptaram criativamente ao novo território (Almeida, 2011).

Plantas sagradas de defumar, banhar, comer, beber e oferecer aos Orixás, as espécies vegetais são associadas aos quatro elementos da natureza, podendo ser classificadas como *ewé áféré* (folhas de ar/vento), *ewé inón* (folhas de fogo), *ewé omi* (folhas de água) e *ewé ilé* (ou *ewé igbó*: folhas da terra ou da floresta). Podem, ainda, ser classificadas quanto ao modo de vida, sendo uma planta de grande porte (*igi*), arbustiva (*kêkêrê*) ou trepadeiras (*afómó*). Podem ser consideradas masculinas (geralmente com formato fálico e coloração escura) e/ou

femininas (formato uterino, de coração, com odor mais adocicado), excitantes (*gùn*) ou calmantes (*èrò*). (Barros, 2011, Barros; Napoleão, 2003, Gomes, 2009).

Assim, as plantas tornaram-se depositárias de memórias negras coletivas, funcionando como símbolos de resistência, cuidado, cura e continuidade identitária. A culinária e a medicina tradicional se entrelaçam, configurando um sistema integrado em que o biológico e o espiritual não se separam, expressando outra epistemologia do viver (Gomes, 2009).

A discussão evidencia que a manutenção dos nomes em yorubá, o uso ritualístico das espécies e a adaptação de vegetais locais constituem formas de resistência cultural frente ao epistemicídio colonial. As plantas africanizadas configuram uma herança etnobotânica que afirma a centralidade das humanidades africanas na formação do Brasil, contrapondo discursos que historicamente invisibilizaram tais saberes. Esses vegetais são testemunhos vivos de um sistema de conhecimento contínuo, que atravessou o Atlântico e permanece nos terreiros como patrimônio biocultural e político das comunidades negras.

Considera-se, por fim, que estudos etnobotânicos centrados em processos históricos de migração são fundamentais para documentar saberes ameaçados pela urbanização, pela marginalização cultural e pela perda de modos de vida tradicionais. Reconhecer e valorizar os sistemas etnobotânicos negros é confrontar modelos universalistas de ciência e afirmar epistemologias plurais. As plantas da negritude revelam camadas profundas de memória ancestral e demonstram como povos africanos e afro-brasileiros elaboraram estratégias de sobrevivência, recriação e continuidade, produzindo formas próprias de classificar, manipular e significar o mundo vegetal no Brasil.

Palavras-chave: etnobotânica afro-brasileira; diáspora negro africana; plantas da negritude.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, M. Z. **Plantas Medicinais.** Salvador: EDUFBA, 2011.

BARROS, J. F. P. **O segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

BARROS, J. F. P. **A floresta sagrada de Ossaim.** Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

BARROS, J. F. P.; NAPOLEÃO, E. **Ewé Òrìsà : uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nagô.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAMARGO, M. T. L. A. As Plantas Condimentícias nas Comidas Rituais de Cultos Afro-Brasileiros. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros,** n.*31*, p. 81-94, 1990.

CAMARGO, M. T. L. A. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem Etnofarmacobotânica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia,** n. 15-16, p. 395–410, 2006.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese. (Doutorado em Educação junto à Área Filosofia da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEY, J. Navegando contra a corrente. **África,** n. 22-23, p. 25-47, 2001.

GOMES, A. M. S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana.** 2009. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo.** São Paulo: Ática, 1993.

QUERINO, M. **A arte culinária na Bahia.** Salvador, 1957.

SILVA, A. C. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses.** 5. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SODRÉ, M. **Pensar nagô.** Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

VOEKS, R. A. African diaspora Ethnobotany in lowland south America. In: ALEXIADES, M. **Mobility and Migration in Indigenous Amazonia: Contemporary Ethnoecological Perspectives.** Oxford: Berghahn, 2009.